



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

PABLO GABRIEL III MENDOZA ROJAS

**O PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER ENQUANTO BASE PARA UMA
EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

RECIFE, 2025

PABLO GABRIEL III MENDOZA ROJAS

**O PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER ENQUANTO BASE PARA UMA
EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção de título de Licenciatura em Filosofia em 2025.

Orientador: Professor Doutor Thiago André Moura de Aquino.

Avaliador: Professor Doutor Junot Cornélio Matos.

Recife

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Mendoza Rojas, Pablo Gabriel III.

O PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER ENQUANTO BASE
PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL / Pablo Gabriel III Mendoza Rojas. -
Recife, 2025.

29 p.

Orientador(a): Thiago André Moura de Aquino

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Filosofia -
Licenciatura, 2025.

Inclui referências.

1. Filosofia. 2. Martin Heidegger. 3. Educação Ambiental. I. Aquino, Thiago
André Moura de. (Orientação). II. Título.

100 CDD (22.ed.)

PABLO GABRIEL III MENDOZA ROJAS

**O PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER ENQUANTO BASE PARA UMA
EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

TCC apresentado ao Curso de Filosofia da
Universidade Federal de Pernambuco, Centro
Acadêmico de Recife, como requisito para a
obtenção do título de graduado em Filosofia.

Aprovado em: 18/02/2025

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Thiago André Moura de Aquino (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Professor Doutor Junot Cornélio Matos (Avaliador)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

AGRADECIMENTOS

Caminante, no hay camino, se hace camino al andar.

Antonio Machado

Agradeço profundamente à universidade e ao povo brasileiro pelo acolhimento dado à minha família. Se estou aqui hoje é por conta da universidade e do povo brasileiro que acolheu fraternamente meus pais, imigrantes vindos do Chile, que chegaram aqui sem saber falar português, sem família e dependentes unicamente da bolsa da faculdade. Aproveito para agradecer ao meu pai Ramón Orestes Mendoza Ahumada e à minha mãe Jacqueline Fabiola Rojas Arancibia por terem proporcionado as condições materiais e imateriais para a minha caminhada educacional, desde a escola até a faculdade. Agradeço também à minha irmã Olga Alba Mendoza Rojas e à minha avó Olga que sempre me incentivou a ter um diploma.

Agradeço a Nossa Senhora, a Deus e Jesus Cristo por terem me oferecido a divina consolação ao longo deste percurso.

Agradeço à minha companheira Pandora Salazar Almeida da Silva, amor da minha existência e pessoa com a qual mais gosto de exercer o ser-com (*Mitsein*). Você tem me dado força, coragem e alegria ao longo desta caminhada.

Aproveito também para agradecer aos amigos que fiz ao longo da graduação, amigos que me deram forças durante esta caminhada. Agradeço especialmente ao amigo levinasiano Roberto Pereira Amando. Foi ele que me tranquilizou e me deu forças nos momentos em que me sentia mais paralisado pelas inseguranças. Foi graças ao seu apoio e de outros amigos que muitas vezes consegui sair da paralisia e escrever as páginas deste trabalho. Agradeço aos amigos Edelson Ramos Lima da Silva, Fernando Eduardo Vieira de Arruda, Douglas Xavier de Sousa, Lucas Douglas Santana de Souza, Márcio, Ícaro, Breno, Kaio, Augusto, dentre tantos outros que me acompanharam ao longo da graduação.

Aproveito para agradecer aos servidores que constroem uma universidade pública e de qualidade. Agradeço à recepcionista Marleide por sempre receber os alunos no CFCH com simpatia e um sorriso no rosto. Agradeço também aos professores Suzano de Aquino Guimarães, Junot Cornélio Matos e Gabriela da Nóbrega Carreiro por me ensinarem o valor do ensino da filosofia e da filosofia do seu ensino. Quero expressar minha gratidão à professora Vivian de Oliveira Nascimento e ao professor Dawson de Barros Monteiro, por terem ambos me mostrado o que é o chão da escola na prática durante o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e Residência Pedagógica (RP) respectivamente.

Agradeço ao Grupo Heidegger e seus integrantes por terem me fornecido um caminho a trilhar e uma base sólida que me levou até este TCC. Agradeço profundamente ao professor Thiago André de Moura Aquino, meu orientador que me acompanha desde o PIBIC até o presente TCC. Agradeço também ao professor Sandro Márcio Moura de Sena que, desde o primeiro dia de aula, me motiva a estudar a filosofia heideggeriana e me mostra que esta não é uma mera peça de museu, mas uma ferramenta poderosa para analisar os fenômenos que nos interessam. Agradeço também ao Núcleo de Estudos em Filosofia Alemã (NEFA) e seus integrantes. Agradeço aos professores Eduardo Nasser e Tárík Prata que compõem o mesmo e me auxiliaram ao longo da minha formação. Aproveito para agradecer à secretária Betania e ao chefe do departamento Sandro Cozza Sayão que sempre me receberam de braços abertos no décimo quinto andar e que lutam incansavelmente pela melhoria do nosso Departamento de Filosofia.

DEDICATÓRIA

Aproveito aqui para deixar uma dedicatória para aqueles que se foram, mas que se fizeram presente ao longo desta jornada. Dedico este trabalho ao meu avô por parte de mãe, Luis Eduardo Rojas González, bravo homem do campo. Aos meus avós paternos: Pablo Gabriel II Mendoza Rojas e a à minha avó Nistela Alba Ahumada Barrientos.

Também dedico este trabalho a Roberto Callejas Bedregal, vítima de complicações decorrentes da pandemia de COVID-19. Sei que você estaria muito alegre pela minha conclusão de curso, caso ainda estivesse aqui. Você é uma referência de professor, pesquisador e ser humano que levarei para toda vida.

O PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER ENQUANTO BASE PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Pablo Gabriel III Mendoza Rojas

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar a proposta de uma educação ambiental fundamentada na filosofia do pensador alemão Martin Heidegger. Seus escritos sobre a técnica problematizam o nosso tempo, a era da técnica, que molda indivíduos que estão inseridos no desvelamento desafiador e no pensamento calculador. O ser humano nessa conjuntura enxerga a natureza apenas como um mero fundo de reserva. O pensamento de Martin Heidegger sobre a relação ser humano e técnica nos fornece uma base sólida para desenvolver uma educação ambiental que promova a formação de seres humanos que não assumam a posição de dominadores, mas que busquem se relacionar com a natureza de maneira respeitosa e serena.

Palavras-chaves: Heidegger. Educação. Educação Ambiental

Abstracts: The objective of this work is to present the proposal for an environmental education based on the philosophy of the German thinker Martin Heidegger. His writings on technology problematize our time—the age of technology—which shapes individuals who are immersed in challenging disclosure and calculative thinking. In this context, human beings perceive nature merely as a reserve stock. Martin Heidegger's thought on the relationship between humans and technology provides a solid foundation for developing an environmental education that fosters the formation of individuals who do not assume the role of dominators but seek to relate to nature in a respectful and serene manner.

Keywords: Heidegger. Education. Environmental Education.

SUMÁRIO

1. Introdução	P.9
2. A busca por controle da natureza na modernidade	P.10
2.2 Heidegger: um crítico da modernidade	P.14
3. A análise heideggeriana da era da técnica	P.16
4. Uma educação ambiental de base heideggeriana	P.20
5. Conclusão	P.25

1. Introdução

Eis o objetivo principal deste trabalho: apresentar a proposta de uma educação ambiental pautada no pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger. O objetivo da educação ambiental segundo o *Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global* (1992) é “desenvolver uma consciência ética sobre todas as formas de vida com as quais compartilhamos este planeta, respeitar seus ciclos vitais e impor limites à exploração dessas formas de vida pelos seres humanos” (p.3). Ao longo deste trabalho buscarei discorrer sobre como as reflexões de Heidegger nos ajudam a embasar uma educação ambiental. Para logarmos nosso objetivo o trabalho irá seguir os seguintes passos:

Iniciamos o trabalho realizando uma reflexão em torno da origem da mentalidade predatória contra a natureza e para isso seguimos por uma reflexão sobre de que maneira a modernidade foi o berço para esta racionalidade que busca controlar e dominar a natureza. Tal mentalidade conseqüentemente gera um ser humano que envereda por um papel de dominador e destruidor da terra.

Faremos aqui uma exposição da análise que Heidegger faz de nossa época, considerada a era da técnica, em que impera o desvelamento desafiador e o pensamento calculador. O modo como o ser humano lida com a natureza nesta conjuntura é através de um desvelar que desafia, o ser humano embarca numa jornada movido por uma constante vontade que busca expandir-se e desafiar a natureza, assim o ser humano nesta conjuntura enxerga o mundo ao seu redor como um mero galpão de coisas a serem utilizadas. O ser humano, nesta realidade, se relaciona com os entes ao seu redor através do pensamento calculador, que assim se denomina justamente porque faz “cálculos com possibilidades continuamente novas, sempre com maiores perspectivas e simultaneamente mais económicas. O pensamento que calcula corre de oportunidade em oportunidade” (Heidegger, 2000, p.13). O ser humano nesta conjuntura é confrontado com um modo predominante de relação com os entes ao seu redor que é o de um desafiar impositivo que busca cálculos e resultados eficazes num ciclo sem fim.

Diante desta conjuntura, qual seria a saída? A saída que Heidegger nos apresenta é a de um pensamento meditativo, cuja essência é a serenidade. O pensamento meditativo pode ser resumido como uma forma de pensar que não busca se enfiar em cálculos para dominar, mas sim como um pensamento que se demora com os entes ao seu redor e que medita serenamente sobre os mesmos. O pensador não faz isso para demonizar um pensamento que calcula e glorificar o outro que medita, ele afirma que “Existem, portanto, dois tipos de pensamento, sendo ambos à sua maneira, respectivamente, legítimos e necessários: o pensamento que calcula e a reflexão (*Nachdenken*) que

medita” (Heidegger, 2000, p.13). Martin Heidegger está aqui tentando oferecer outra via para que o ser humano não busque apenas seguir um caminho de desafiar e dominar o mundo ao seu redor. Este ser humano, na atual conjuntura, pode exercer sua liberdade e dizer “sim” e “não” para a técnica moderna e seu desvelar desafiador.

Ao final, com base na filosofia de Martin Heidegger, que problematiza a prevalência do pensamento calculador e do desvelamento desafiador que enxerga a natureza como mero recurso utilizável, poderemos abrir um caminho para formar seres humanos que não se pautem apenas por uma relação técnica e calculadora com a natureza. Desta forma as reflexões de Martin Heidegger servem como um rico embasamento para uma educação ambiental.

O objetivo principal aqui é sugerir uma educação ambiental de bases heideggerianas que visa formar alunos que interajam de maneira consciente com a natureza. Alinhamos-nos à filosofia heideggerianaa filosofia heideggeriana porque ela oferece uma crítica da visão tecnicista e calculadora que permeia o nosso mundo (Heidegger, 2000; 2007a; 2007b) e que consequentemente cria seres humanos que assumem o papel de dominadores da natureza. Pensamos que as reflexões do filósofo alemão sobre a técnica podem embasar uma educação ambiental que ensine aos alunos que a natureza deve ser respeitada e não vista apenas como algo que deve ser desafiado e explorado. Faço isto com base na normativa da *Política Nacional de Educação Ambiental* (PNEA) sancionada em 1999 que afirma que a educação ambiental é um direito fundamental e um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente na sala de aula. Com este trabalho, pretendemos, assim, contribuir para a efetivação deste direito e ajudar na formação de seres humanos com consciência crítica sobre a problemática ambiental e que enxerguem a natureza de uma outra maneira distinta da predatória tão vigente em nosso tempo, tempo este denominado era da técnica por Martin Heidegger.

2. A busca por controle da natureza na modernidade

Fazer uma análise da modernidade e seu impacto é uma tarefa exaustiva e complexa porque, dentro da história da filosofia, podemos encontrar diversos tipos de recepção da modernidade, umas mais receptivas e outras mais críticas. A própria tarefa de definir o que seria esta modernidade é complexa e extensa, cito Felipe Campello e Benjamin Gittel (2016, p.9 – 10):

O conceito de modernidade é um exemplo emblemático dessa pluralidade de sentidos, dependente de um amplo leque de definições. Com efeito, encontramos na vasta literatura um dissenso interpretativo: enquanto algumas correntes aliam-se ao sentido de “pós-modernidade”, diversas concepções distintas entendem a modernidade enquanto projeto

inacabado, modernidades múltiplas, ou mesmo, propõem que jamais fomos modernos. No entanto, no que se refere à polissemia do conceito de modernidade, trata-se não apenas de tentativas de definição, como também da busca por autocompreensão de seu tempo. Afirmar que somos ou não modernos depende, em larga medida, tanto da definição que entendemos por este conceito, como da clareza de um diagnóstico de época, ou seja, da compreensão de nosso tempo.

Entrar no debate em torno da modernidade significa se embrenhar em uma ampla discussão em torno da polissemia do significado dessa palavra. Implica também pensar nosso próprio tempo de certa forma. Hegel, baluarte da modernidade e autor no qual “a modernidade ‘pensa’ a partir de si mesma, seja como noção de progresso ou como autocrítica [...]” (Campello; Gittel, 2016, p.14) chega a afirmar que “a filosofia é também seu tempo apreendido em pensamentos” (Hegel, 2010, p.43). Ou seja, pensar sobre o que é a modernidade e seu impacto já significa se colocar no caminho de refletir sobre o nosso próprio tempo.

Nos próximos parágrafos, vamos nos debruçar resumidamente sobre a recepção que a mesma teve ao longo da história da filosofia. Apresento aqui as duas recepções da modernidade que se fizeram presentes ao longo do debate filosófico:

1.A recepção positiva da modernidade: Este tipo de recepção está presente nas obras *O Discurso Filosófico da Modernidade* (2000) e nos dois volumes da *Teoria da Ação Comunicativa* (2022) do filósofo alemão Jürgen Habermas. O teórico crítico estabelece uma crítica ao projeto de razão instrumental e fechada em si da modernidade para ao mesmo tempo extrair o potencial emancipatório deste “projeto inacabado” que é a modernidade. O potencial emancipatório da modernidade consiste na razão comunicativa que não é fechada em si porque é intersubjetiva e envolve a construção de consenso entre indivíduos. Isto evidenciaria para o autor que o projeto da modernidade, apesar de sua patologia identificada na colonização do sistema em torno do mundo da vida, que faz prevalecer um modelo de racionalidade instrumental, pode conter uma senda emancipatória.

2.A recepção crítica da modernidade: O filósofo Friedrich Nietzsche, grande questionador e transvalorador dos valores estabelecidos, busca colocar sob julgamento crítico os valores que constituem a modernidade. Cito Nietzsche aqui porque ele é um marco na recepção crítica da modernidade e pode ser considerado como o primeiro que realiza uma crítica total da modernidade: “Com Nietzsche, a crítica da modernidade renuncia, pela primeira vez, a reter seu conteúdo emancipador (Habermas, 2000, p.137). O martelar de Nietzsche sobre a a modernidade é um martelar definitivo porque busca questionar totalmente os valores estabelecidos neste projeto e criar novos valores neste processo. Ele julga os valores da modernidade como decantes e

responsáveis pela criação de seres humanos que se enfurnam numa mentalidade de rebanho. Sua visão da modernidade pode ser descrita da seguinte forma:

Pode-se asseverar que Nietzsche olha a Modernidade a partir dos seus aspectos mais perversos. Tem por grande tema a vida e o projeto de transmitir todos os valores, mediante uma crítica destemida e radical. Identifica, ao que parece, a Modernidade como uma época histórica cuja principal característica é a negação da vida, pela imposição de valores morais que reduzem o homem a mero animal gregário. (Matos, 2023, p.423).

Nietzsche assume uma missão de criticar o processo de domesticação do ser humano pela sociedade burguesa cristã moderna. Em sua análise ele enxerga que o ser humano se torna uma ovelha de um rebanho subserviente a um pastor que é o sacerdote ascético, sacerdote este que lhe fornece os valores ascéticos como seu pasto. O que são os valores ascéticos que negam esta vida? Tais valores ascéticos podem ser resumidos da seguinte maneira: “São sabidas as três palavras mágicas do ideal ascético: pobreza, humildade, castidade” (Nietzsche, 2017, p.105). Essa modernidade decadente e ascética cria seres humanos que se constituem enquanto um rebanho de ressentidos iludidos por uma promessa de um outro mundo. Nisto entra a crítica ao dualismo metafísico: o ser humano que entra neste caminho nega esta vida e este mundo para afirmar um mundo porvir em que ele será vitorioso. Nietzsche realiza esta crítica a estes valores para criar novos valores que afirmem a vida e não a neguem. Valores estes que ajudem a construir um novo ser humano que esteja além deste ascetismo subserviente do projeto moderno.

A recepção crítica da modernidade também pode ser vista em filósofos como Theodor W. Adorno e Max Horkheimer na obra *Dialética do Esclarecimento* (1985). Os autores se ancoram na análise do sociólogo Max Weber sobre a modernidade como um processo de desencantamento do mundo que culmina na implementação de um mundo racionalizado marcado pela economia capitalista e pelo Estado burocrático. O projeto de esclarecimento e desencantamento do mundo da modernidade ocorre da seguinte forma: “Através da identificação antecipatória do mundo totalmente matematizado com a verdade, o esclarecimento acredita estar a salvo do retorno do mítico” (Horkheimer; Adorno, 1985, p.33). O projeto de esclarecimento da modernidade visava tirar o homem da sua menoridade, cito Kant, um dos fundadores deste projeto: “Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado” (Kant, 1985, p.100). Um projeto que se apresentava enquanto emancipatório acaba derrocando em um projeto opressor porque nele prevalece uma razão instrumental que busca calcular e arregimentar o mundo e os seres humanos ao seu redor para um determinado fim e assim o “que não se submete ao critério da calculabilidade torna-se suspeito para o esclarecimento” (Horkheimer; Adorno, 1985, p.19). Estamos aqui falando de dois autores que viram em sua época o projeto emancipador

da razão culminar numa razão instrumental que cria seres humanos frio, mecânicos e obedientes. Seres humanos que, na época destes autores, cometeram crimes cruéis durante o período da Segunda Guerra Mundial até o holocausto. Ou seja, o projeto emancipador da modernidade que prometia uma racionalidade que libertaria o ser humano da sua menoridade se converteu em uma razão instrumental calculista e fria que perpetua a barbárie.

Citamos estas posições e estes autores não para exaurir o debate em torno da modernidade, mas para trazermos um panorama geral e contextualizarmos o debate no qual estamos nos inserindo nesta seção do trabalho. Meu objetivo agora, após esta contextualização é adotar de certa forma a segunda posição de crítica da modernidade. Uma crítica ao projeto da modernidade enquanto um projeto de dominação da natureza.

Diante da atual crise ambiental, podemos colocar a mão na cabeça e nos perguntar: como chegamos nesta conjuntura? Chegamos na atual conjuntura porque o ser humano enveredou por um caminho de se pensar enquanto um ente dissociado da natureza e que se vê apenas enquanto dominador da mesma e isso foi respaldado pela filosofia moderna. Conforme Julio Cesar Touguinha de Almeida e Rubens Müller Kautzmann afirmam no texto *A filosofia da natureza e educação ambiental: uma reflexão crítica na busca de uma direção ética* (2011, p.48):

Tal dissociação entre natureza e ser humano proporciona a sistematização da ideia de controle sobre a natureza, tendo sido respaldada pela ciência e pela filosofia moderna. Esse paradigma, que registra seu início no século XVI, com Bacon, Galileu e Descartes, acabou por gerar a crise que vivemos, que não é somente de caráter social, econômico ou moral, mas também de como o ser humano está tecendo a sua inserção no mundo.

Esta opinião também é respaldada por Leonardo Boff (2010, p.29 – 30):

Até o advento da ciência moderna, com os pais fundadores do paradigma científico vigente, Descartes, Galileu Galilei e principalmente Francis Bacon, a terra era sentida e vivida como uma realidade viva e irradiante que inspirava temor, respeito e veneração. A partir da razão instrumental-analítica dos modernos, ela passou a ser vista simplesmente como *res extensa*, um objeto inerte e sem inteligência, entregue ao ser humano para nela expressar sua vontade de poder e intervenção criativa e destrutiva. Esse olhar permitiu que surgisse o propósito de explorar de forma ilimitada todos os seus recursos e serviços até chegarmos aos níveis atuais de verdadeira devastação da biodiversidade, a quebra do equilíbrio dos ecossistemas e o surgimento do aquecimento global.

Para fins pragmáticos, iremos nos centrar aqui no projeto filosófico de Francis Bacon, que foi citado nos trechos anteriores, de dominação da natureza. Bacon é um grande nome da filosofia da ciência e considerado por muitos como o pai do método científico. O seu método, que é muitas vezes chamado de método empírico-indutivo, consiste principalmente numa observação da natureza. Neste

método, realizam-se experimentos para deles se extrair conclusões gerais, a serem testadas nos experimentos seguintes. Essa empreitada científica, segundo Bacon, não apenas permite a compreensão da natureza, mas também conduz à emancipação da humanidade que sairia de sua menoridade. Como ele próprio afirma:

Só então poderemos dizer ter colocado nas mãos dos homens, como justo e fiel tutor, as suas próprias fortunas, estando o intelecto emancipado e, por assim dizer, liberto da menoridade; daí, como necessária, segue-se a reforma do estado da humanidade, bem como a ampliação do seu poder sobre a natureza. (Bacon, 1999, p.232).

Neste trecho, Bacon estabelece uma relação entre o progresso da humanidade e sua capacidade de dominar a natureza por meio da ciência. O que está em jogo não é apenas um método de investigação, mas uma verdadeira transformação da relação ser humano e natureza, em que o conhecimento se torna a chave para submeter a natureza à vontade humana. Podemos, portanto, afirmar que a ciência moderna surge com a missão não apenas de compreender os fenômenos naturais, mas de controlá-los e transformá-los em benefício da vontade humana. Nesse contexto, Bacon se destaca como um dos principais legitimadores do projeto moderno de uma humanidade que olha de longe a natureza e busca dominá-la. Ele também realiza uma revolução na ciência nesta empreitada ao inaugurar uma tradição na qual o saber não é um saber para contemplar, mas um saber para poder realizar transformações naquilo que se observa, no caso a natureza. Com base nisso podemos afirmar que:

O "espírito baconiano" mudou profundamente a natureza e o objetivo da investigação científica. Se na Antiguidade a ciência tinha como propósito a sabedoria, a compreensão da ordem natural e a harmonia com o cosmos, a partir do século XVII, essa atitude se inverte. O conhecimento, que antes era visto como um meio de integração e reverência ao mundo natural, torna-se um instrumento de autoafirmação e controle. A partir de Bacon, a ciência passa a ser guiada pelo ideal de domínio e exploração da natureza, inaugurando um paradigma profundamente antiecológico. (Capra, 1982, p.42)

O ser humano que sai do projeto baconiano é um ser humano que busca conhecimento, por meio da observação e da experimentação, para compreender os mecanismos da natureza e assim conseguir se apropriar dela para um fim específico. Nesse paradigma da ciência moderna, conhecer é sinônimo de poder, e a ciência se converte no instrumento por excelência para a conquista do domínio da natureza pelo ser humano.

2.2 Heidegger: um crítico da modernidade

Como Heidegger pode nos ajudar diante deste projeto de uma modernidade que busca dominar a natureza? Ele pode nos ajudar porque ele oferece uma crítica da modernidade da qual podemos nos apropriar para bater de frente com a mentalidade técnico científica moderna. A crítica de Heidegger consiste em apontar que a modernidade também contribuiu para o esquecimento do ser por ter olhado para este de uma maneira unidimensional. Esse erro se manifesta através da redução do ser para um determinado propósito, o propósito de um projeto técnico-científicos que busca assegurar e extrair certezas. Heidegger chega a afirmar que “na Modernidade e *enquanto* Modernidade, a verdade assume a figura da certeza” (Heidegger, 2014, p.151). Com a crítica de Heidegger podemos abrir o caminho para que o ser apareça de outras maneiras distintas da pretendida por um projeto de dominação que busca apenas saber para dominar.

Heidegger descreve a prevalência do ente na modernidade enquanto um objeto a ser exaurido por uma racionalidade calculadora: “Mas o ente, por seu turno, foi de novo transformado, no início e no decurso dos Tempos Modernos. O ente tornou-se objeto calculável, susceptível de ser dominado e devassado” (Heidegger, 2007a, p.61 – 62). É como se a modernidade na sua ânsia de obter certeza sobre as coisas não deixasse o ser ser aquilo que ele é. E dentro deste ciclo devastador o ser humano acaba assumindo o papel de dominador do ente e de senhor da natureza. O homem esquece a sua vocação de ser a casa do ser neste processo. Podemos concluir que:

[...] é esta compreensão do Ser como objetividade que possibilitará que a racionalidade tecnológica seja usada para oprimir a natureza e os outros homens. Uma vez que o ser humano esquece que sua vocação existencial é de ser “a casa do ser”, ou o canal através do qual o cosmos pode se presentificar de novas maneiras, então o próprio homem pode ser visto como mero objeto cuja exploração se justifica na busca de mais e mais poder. (Unger, 2009, p.158).

Podemos constatar que Heidegger abre um caminho para repensar a predominância do pensamento técnico-científico, que se apresenta como a salvação que irá tirar a humanidade de sua menoridade. Uma suposta salvação, pois, dentro dessa conjuntura, o ser humano omite-se de sua vocação de “pastor do ser” e se enclausura em uma única forma de pensamento — o pensamento calculador — que será descrito na próxima seção. Esse modelo de racionalidade reduz a realidade ao que pode ser medido, previsto e controlado, obscurecendo outras formas mais originárias de relação com o mundo. O esquecimento do ser, característico da modernidade, resulta na compreensão do ser enquanto uma certeza disponível para um determinado uso e na submissão da natureza a um paradigma de dominação e devastação incessante. Heidegger abre aqui um caminho para questionar este projeto e pensar uma relação de proximidade serena com o ser, e não de dominação. Ao longo da próxima seção esmiuçaremos melhor o projeto heideggeriano e sua senda de salvação em meio ao que ele chama de “era da técnica”.

3. A análise heideggeriana da era da técnica

Nos centraremos aqui nos escritos de Martin Heidegger sobre a técnica e a vigência do pensamento calculador (*das rechnende Denken*) em nossa época para extrair reflexões que ajudem a pensar a problemática da crise ambiental e uma possível via de uma educação ambiental para lidar com tal problema. Os escritos principais nos quais nos baseamos são: *De uma conversa sobre o pensamento que ocorreu em um caminho do campo* (1944-1945), *A questão da técnica* (1945) e *Serenidade* (1955). O pensador, nestes escritos de sua segunda fase¹, realiza uma “hermenêutica da época” (Nunes, 2012, p.227) e interpreta nossa época como sendo a “era da técnica”. O ser humano nesta era estaria ameaçado pela dominância do pensamento calculador como única via do pensamento e pelo desenraizamento. O ser humano, nesta era, estaria desenraizado, conforme afirma o pensador: “O enraizamento (*die Bodenständigkeit*) do Homem actual está ameaçado na sua mais íntima essência” (Heidegger, 2000, p.17). Heidegger enfatiza a dominância deste pensamento calculador quando afirma: “O poder oculto na técnica contemporânea determina a relação do Homem com aquilo que existe. Domina a Terra inteira” (Heidegger, 2000, p. 19). Estaríamos inseridos numa imagem de mundo (*Weltbild*) (Heidegger, 2007c) em que o ser humano buscaria representar e assegurar o ente para um determinado fim.

Mas façamos uma pergunta mais elementar: o que Martin Heidegger entende enquanto técnica? Martin Heidegger aborda a questão da técnica se perguntando sobre sua essência, destacando que a essência da técnica não se resume apenas ao aspecto técnico, mas está relacionada a um modo de desabrigar que leva ao desencobrimento. Para Heidegger, a técnica não é apenas um meio, mas um modo de revelar o que está oculto. Ele enfatiza que a técnica moderna desabriga no sentido de um desafiar, cito o autor: “O desabrigar imperante na técnica moderna é um desafiar <Herausfordern> que estabelece, para a natureza, a exigência de fornecer a energia suscetível de ser extraída e armazenada enquanto tal” (Heidegger, 2007b, p.381). A essência desta técnica moderna consiste na armação (*Gestell*): “Armação significa a reunião daquele pôr que o homem põe, isto é, desafia para desocultar a realidade no modo de requerer enquanto subsistência” (Heidegger, 2007b, p.385).

Este desabrigar desafiante enxerga o mundo ao redor como algo que deve ser explorado, armazenado e distribuído. Enxerga a natureza como um “complexo de forças passíveis de cálculo” (Heidegger, 2007b, p.386). O ser humano, dentro desta conjuntura, se arroga num papel de “dominador da terra” (Heidegger, 2007b, p.390). O ser humano, ente capaz desocultar o ser, acaba se encontrando numa conjuntura histórica, ou seja, numa imagem de mundo, em que o ser dos entes aparece quando mera disponibilidade. Para Heidegger, a técnica moderna representa um modo de

¹ O segundo Heidegger é o momento de virada (*Kehre*) do pensamento de Martin Heidegger que ocorre após a fase da analítica existencial. Este período que ocorre a partir dos anos 30 é marcado pelas discussões do autor envolvendo a questão da técnica e por seu diálogo com autores como Friedrich Nietzsche, Ernst Jünger e Friedrich Hölderlin.

enxergar o mundo como um grande galpão de coisas a serem armazenadas e utilizadas para um determinado fim. Cito Heidegger novamente:

O desabrigar que domina a técnica moderna tem o caráter do pôr no sentido do desafio. Este acontece pelo fato de a energia oculta na natureza ser explorada, do explorado ser transformado, do transformado ser armazenado, do armazenado ser novamente distribuído e do distribuído renovadamente ser comutado. Explorar, transformar, armazenar e distribuir são modos de desabrigar. Este, contudo, não decorre de modo simples. Também não desemboca em algo indeterminado. O desabrigar desabriga para si mesmo os seus próprios e múltiplos caminhos engrenados, porque os dirige. A direção mesma, por seu turno, é conquistada em todos os lugares. A direção e a segurança tornam-se inclusive os traços fundamentais do desabrigar desafiante. (Heidegger, 2007b, p.382).

Nessa perspectiva, o mundo é concebido como um vasto depósito de coisas a serem instrumentalizadas para a realização de determinados fins. Poderíamos concluir, portanto que “Como modo de produção, a técnica moderna caracteriza-se sobretudo, por determinar e dispor dos entes no modo do explorável. A técnica moderna dispõe dos entes no mundo, da natureza e do próprio mundo, segundo o modo do disponível, do que é passível de uma exploração (Coimbra, 2015, p.225). A era da técnica traz uma visão de mundo que é marcada por uma exaltação de uma vontade que busca se expandir, e isso ocorre porque “o ser do ente é concebido como Vontade de Potência, que em seu constante ultrapassamento de si exige o eterno retorno do mesmo” (Ferreira Jr, 2013, p.111). Esta vontade de potência se transforma numa *vontade de vontade* e apresenta apenas um modo de desvelamento do ser e ofusca os outros. O ser humano acabaria caindo nesta conjuntura na era da técnica, época esta que dificulta a visualização de outros modos de desvelar o ser.

Podemos afirmar que “todos os processos realizados na era da técnica são unilateralmente ordenadores devido à tentativa humana de assegurar resultados específicos e previsíveis, por meio de métodos capazes de medir, transformar e manipular a realidade” (Siqueira, 2021, p.135). Isto ocorre porque nesta época o mundo estaria marcado pelo desvelamento desafiador. A própria natureza passa a ser desafiada como um galpão de coisas que devem ser armazenadas e exploradas num processo provocador e violento. Cito a comentadora Irene Borges-Duarte (2009):

A técnica moderna não se satisfaz simplesmente em trazer os entes à presença, mas os descobre já enquanto matéria bruta ou recurso energético que pode ser continuamente reutilizado, transformado, economizado e manipulado em um ciclo supostamente infinito no qual se instala e se perpetua a devastação da natureza, fixada agora em seu ser como fonte de energias disponíveis, o que ela jamais fora antes (p.9).

O ser humano que adotou essa postura torna-se aquele que desafia e exige o fundo de reserva e neste processo ele acaba se tornando um mero peão requisitado pelo jogo da técnica moderna, cito Marco Antonio Casanova (2012):

Na medida em que o homem desempenha um tal papel, ele mesmo acaba por se tornar mero fundo de reserva, porque é absolutamente absorvido no modo de colocação da requisição técnica e na armação enquanto a subjetividade própria a essa requisição. O homem acredita inicialmente no seu poder sobre a totalidade do aparato tecnológico e vê, com isso, a técnica como um mero instrumento para a resolução de suas finalidades de domínio da natureza em geral (p.208).

O ser humano, nessa conjuntura, acaba ficando preso no jogo infinito do desvelamento desafiador que transforma o mundo em um grande fundo de reserva. O ser humano não é o CEO da técnica. Este não controla a técnica, mas é funcionário demandado pela mesma. O risco que se apresenta na era da técnica, marcada pelo desvelamento desafiador conforme afirmei anteriormente, é que o ser humano esmagado por tal conjuntura veja como único caminho a via do pensamento calculador, o pensamento predominante na era da técnica e que determina como o ser humano enxerga o mundo e se relaciona com os entes. O pensamento calculador contribui para essa visão de mundo, que transforma os entes em objetos programados e calculáveis, auxiliando na medição, transformação e manipulação da realidade. Mas o que é o pensamento calculador? “É o pensamento que possui um objeto a investigar, para a obtenção de controle e resultados. É o pensamento da representação metafísica, instalado no âmbito da subjetividade. Esse pensamento, para Heidegger, é inevitável, na medida em que é ele que determina a relação do homem com os entes e com o ser, desta época. Não cabe a nenhum pensador destruir esse pensamento calculador” (Alves, 2018, p.127).

Heidegger está longe de querer demonizar ou destruir a técnica e o pensamento calculador, como afirma Alfred Denker (2020, p.141): “Hoje não podemos mais viver sem as instalações, os dispositivos e as máquinas do mundo técnico. Portanto, é também vão “condenar o mundo técnico como obra do diabo”. No entanto, tampouco devemos nos dispor à escravidão da técnica”. O que o filósofo alemão busca fazer é um alerta do perigo do pensamento calculador predominante na era da técnica se tornar o único caminho do pensamento vislumbrado pelo ser humano, cito Heidegger:

Um outro perigo muito maior ameaça a era atômica que se inicia - precisamente quando o perigo de uma terceira guerra mundial está afastado. Uma estranha afirmação. Estranha, sim, mas apenas enquanto não refletirmos. Em que medida é válida a frase que se acabou de proferir? É válida na medida em que a revolução da técnica que se está a processar na era atômica poderia prender, enfeitiçar, ofuscar e deslumbrar o Homem de tal modo que, um dia, o pensamento que calcula viesse a ser o único pensamento admitido e exercido (Heidegger, 2000, p.26).

O perigo da conjuntura que descrevi nos trechos anteriores é que a armação, essência da técnica moderna que cobre toda a superfície planetária, pode impedir e fechar para o ser humano outros modos do desocultar. O ameaçador desta conjuntura é que o ser humano se vê imerso num horizonte que coloca o pensamento calculador e o desvelamento desafiador como o caminho, sendo que estes compõem apenas um caminho do pensar e desocultar o mundo ao nosso redor. Diante desta

imposição de horizonte poderíamos nos perguntar como fica a liberdade humana para optar por outro caminho fora o caminho do pensamento calculador. Diante dessa conjuntura o pensador apresenta a via do pensamento meditativo.

O pensamento meditativo, nomeado por Martin Heidegger (2009, p.34) como um “outro pensar”, surge como outro caminho para habitar esta era da técnica. O pensamento meditativo, muitas vezes chamado de pensamento meditativo poético, é a saída que Heidegger apresenta para o ser humano lidar com a era da técnica, era em que prevalece o desenraizamento e o pensamento calculador. A saída que o pensador apresenta diante do atual estado de coisas é enunciada pelo personagem do Professor no diálogo *De uma conversa sobre o pensamento que ocorreu em um caminho do campo* (1944-1945): “P - Não devemos fazer nada a não ser aguardar” (Heidegger, 2000, p.36). Podemos caracterizar inicialmente o pensamento meditativo como um aguardar (*warten*). Podemos colocar metaforicamente este pensamento meditativo poético como um aguardar por um deus que está porvir, cito Heidegger:

Se se me permite expressar-me com brevidade e até, de certo modo, brutalmente, embora com base numa longa reflexão, a filosofia não pode provocar nenhuma alteração imediata do actual estado do mundo. Isto não é válido apenas em relação à filosofia, mas também a todas as meditações e anseios meramente humanos. Já só um deus nos pode ainda salvar. Como única possibilidade, resta-nos preparar pelo pensamento e pela poesia uma disposição para o aparecer do deus ou para a ausência do deus em declínio; preparar a possibilidade de que [em vez de que, dito brutalmente, “estiquemos o pernil”] pereçamos perante o deus ausente (Heidegger, 2009, p.30).

Esse aguardar, que Heidegger chega a descrever como um aguardar de um deus que está porvir, é uma atividade que se distingue do agir calculado visando resultados que caracteriza o pensamento calculador. Este aguardar pode permitir que o ser humano corteje um novo solo que permita seu enraizamento em oposição ao desenraizamento que prevalece na atual conjuntura, cito o pensador: “Quando a serenidade para com as coisas e a abertura ao mistério despertarem em nós, deveríamos alcançar um caminho que conduza a um novo solo. Neste novo solo a criação de obras imortais poderia lançar novas raízes” (Heidegger, 2000, p.27). Em sua entrevista para a *Der Spiegel* o pensador chega a afirmar a importância deste enraizamento para o ser humano: “Se estou bem informado, de acordo com a nossa experiência e história humanas, tudo o que é essencial, tudo o que é grandeza surgiu do homem ter uma pátria e estar enraizado numa tradição” (Heidegger, 2009, p.29). Essa postura de aguardar que traz o pensamento meditativo possibilita ao ser humano a oportunidade de buscar um novo solo, onde possa enraizar-se profundamente, contrapondo-se ao desenraizamento prevalente na era da técnica. Como Heidegger sugere, é nesse enraizamento que reside a capacidade de criar obras imortais e encontrar a verdadeira grandeza.

A serenidade (*Gelassenheit*) é essencial para esse pensamento meditativo e constitui parte integrante dele. Mas o que seria essa serenidade? Paula Renata Campos Alves (2018) afirma que "a serenidade é o aguardar a hora e a vez de cada coisa e de cada pensamento. Um aguardar que não é uma mera passividade atônita, mas uma forma de realizar uma tarefa bem determinada. O aguardar aqui é da ordem do jardineiro, que semeia, cultiva e cuida do crescimento, mas sem ansiar por algo além de sua própria tarefa" (Alves, 2018, p. 128-129). A serenidade permite que o ser humano adentre a região (*Gegnet*), região esta que permite um abarcamento de um pensar distinto ao pensamento da representação vigente na era da técnica. Mas o que seria essa região? A região é um aguardar de algo que vem e se retira e este aguardar "não tem qualquer objecto" (Heidegger, 2000, p.43). Isto é o completo oposto da imagem de mundo da época da técnica moderna em que o que prevalece é o pensamento da representação que busca examinar e se assegurar dos entes. O que Heidegger nos apresenta aqui é um aguardar sereno e um pensar não representacional. A maneira impositiva com que o pensamento calculador se impõe na era da técnica afasta drasticamente os seres humanos da região. A serenidade permite o encontro com a região que permite que o ser humano se conecte com as bases de um outro pensar em contraposição ao pensamento calculador.

Longe de qualquer caricatura, Heidegger não busca destruir a técnica, mas apresentar outra forma de conviver com ela: o pensamento meditativo. Não se trata de escolher entre ser pessimista ou otimista com o pensamento calculador, o debate é de outro tipo conforme afirma o pensador alemão: "Pessimismo não. O pessimismo e o optimismo são tomadas de posição demasiado superficiais no âmbito da reflexão de que nos ocupamos" (Heidegger, 2009, p.28). A postura do pensador é de serenidade diante da técnica. Serenidade, que é um dizer sim e não para os objetos técnicos, conforme afirma o filósofo alemão: "Gostaria de designar esta atitude do sim e do não simultâneos em relação ao mundo técnico com uma palavra antiga: a serenidade para com as coisas (*die Gelassenheit zu den Dingen*). Nesta atitude já não vemos as coisas apenas do ponto de vista da técnica" (Heidegger, 2000, p.24).

Este dizer sim e não para os objetos técnicos está relacionado diretamente com a liberdade humana para com a essência da técnica. Diante da conjuntura opressora que descrevemos no início desta seção e na seção anterior poderíamos nos perguntar: "Como fica a liberdade humana frente à definição da essência da técnica como um envio do ser que pré-define o modo como nos relacionamos com a totalidade dos entes?" (Duarte, 2009, p.16). O pensamento meditativo entraria justamente como uma via para que o ser humano tenha uma relação livre com a essência da técnica moderna. A técnica moderna descobre o mundo sob um certo horizonte, mas é possível que o mundo se revele de outro modo quando aguardamos e nos demorando junto às coisas e este aguardar é justamente a serenidade.

4. Uma educação ambiental de base heideggeriana

À luz das reflexões de Martin Heidegger sobre o mundo tecnificado podemos construir um modelo de educação ambiental que problematiza a devastação ambiental atual e que busque criar caminhos para a formação de seres humanos que habitem em harmonia com a natureza e que não sejam apenas meros senhores dominadores que desafiam a natureza num ciclo infinito e diabólico. A visão tecnificadora atual, conforme aponta Theodor Adorno e Max Horkheimer na obra *Dialética do Esclarecimento* (1985), cria homens mecânicos e alienados inseridos numa razão instrumental. Ao cruzarmos aqui com a reflexão dos pensadores da teoria crítica podemos ver que ambos se depararam com o problema da predominância do pensamento calculador instrumental na sociedade contemporânea. Essa forma de pensar, que visa a dominação da natureza e a maximização dos resultados, é intensificada pela nossa relação não problematizadora com a técnica. O pensamento calculador aparece enquanto única via do pensamento na era da técnica e a humanidade embarca alienadamente neste caminho de devastação e dominação. A natureza, nesse contexto, é vista como um mero recurso a ser explorado, desconsiderando sua complexidade e valor intrínseco. A saída que busco aqui é utilizar as reflexões legadas pelo alemão Martin Heidegger para problematizar o atual cenário de coisas com uma educação ambiental que visa formar seres humanos que habitem em harmonia com o planeta terra.

Aproveito aqui para trazer algumas definições do que seria esta tal educação ambiental. Cito aqui a definição que aparece no *Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global* (1992, p.1):

Consideramos que a educação ambiental para uma sustentabilidade equitativa é um processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida. Tal educação afirma valores e ações que contribuem para a transformação humana e social e para a preservação ecológica. Ela estimula a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservam entre si relação de interdependência e diversidade. Isto requer responsabilidade individual e coletiva em nível local, nacional e planetário.

A educação ambiental também é referendada por nossa legislação através Política Nacional de Educação Ambiental (LEI Nº 9.795/1999). Trazemos aqui a definição de educação ambiental que esta legislação apresenta:

Art. 1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (BRASIL, 1999).

Ambas as definições convergem para o entendimento a educação ambiental como um processo contínuo que promove valores, conhecimentos e ações voltados à preservação do meio

ambiente com ênfase na responsabilidade individual e coletiva para a construção de uma sociedade sustentável.

Podemos colocar Martin Heidegger dentro de um projeto de uma educação ambiental porque ele é usado como referência por muitos comentadores (De Barros, 2022; Lyra, 2012; MOREIRA, 2024) para pensar uma *ecologia profunda* e até mesmo uma *ecofenomenologia*. Heidegger chega a ser usado como base filosófica para a educação ambiental no volume *Pensar o ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental* (2007) da Coleção Educação para Todos que foi organizada pelo MEC e pela UNESCO, neste volume, é afirmado que, embora o autor “nunca tenha falado em meio ambiente ou ecologia, seus escritos constituem uma referência preciosa para aqueles que querem pensar a questão ambiental a partir de seus fundamentos” (Unger, 2009, p.157). Ao longo deste trabalho podemos vislumbrar que as reflexões de Martin Heidegger sobre a relação entre o ser humano e a técnica moderna podem ser aplicadas para pensar a problemática ambiental e desta maneira podem ser usadas num projeto de uma educação ambiental.

Meu objetivo com essa ideia de educação ambiental é conclamar o aluno para assumir o seu lugar de pastor do ser. Martin Heidegger afirma: “O homem não é o senhor do ente. O homem é o pastor do ser” (Heidegger, 2010, p.51). A vocação do ser humano não é a de dominador do ser, mas a de pastor de ser. Porque o ser humano é o pastor do ser? O ser humano é o pastor do ser porque ele é a clareira onde a verdade do ser se revela. O ser humano existe na abertura do ser e é chamado pelo ser para que o ente se manifeste sendo o que ele é. Ele é um mero pastor dentro deste processo e não dominador do mesmo, uma vez que o modo como o ser se apresenta e se ausenta neste processo não é decidido pelo ser humano. Seu papel é o de um pastor guardador de um rebanho. Aqui podemos fazer uma relação com os versos do poema *O Guardador de Rebanhos* de Alberto Caeiro, pseudônimo de Fernando Pessoa: “Sou um guardador de rebanhos. O rebanho é os meus pensamentos” (Pessoa, 2016, p.31). Estes versos fazem sentido para pensar sobre nossa existência enquanto pastores do ser porque o ser habita em nosso pensar, cito o segundo verso do poema *Da Natureza* de Parmênides em que o mesmo enfatiza a relação ser e pensar:

Ora, pois, te direi –e tu, que escutas, recebe meu relato –quais são os únicos caminhos de investigação que há para pensar. Um, por outro lado, <para pensar> que “é”, e que não é possível não ser; é o caminho da persuasão, pois acompanha a verdade (Parmênides, 2002, p.226).

Heidegger, seguindo esta esteira legada por Parmênides de relacionar ser e pensar, coloca que “O pensar trabalha na edificação da casa do ser[...]” (Heidegger, 2010, p.76). E o pensador alemão afirma que “o Homem é o ser (*Wsen*) que pensa, ou seja, que medita (*sinnende*)” (Heidegger, 2000, p.14). O diagnóstico do pensador do ser é que o ser humano estaria afastado deste pensar que abriga

a verdade do ser, cito o autor: “O Homem actual <<está em fuga do pensamento>>” (Heidegger, 2000, p.12). O ser humano estaria então longe de ser o pastor do ser porque é através do pensamento meditativo que o ser humano se abre para a região do ser e aceita seu mistério. Na conjuntura atual Heidegger identifica que o ser humano se afasta deste meditar e se embrenha em uma torrente de cálculos e maquinações.

O diagnóstico de Heidegger do ser humano na era da técnica pode ser resumido da seguinte forma: o ser humano está em fuga do pensar. Consequentemente pelo pensar ser a morada do ser, o ser humano acaba se afastando da verdade do ser e acaba caindo no esquecimento do mesmo. O ser humano, cuja essência é ser “ontológico-histórico” (Heidegger, 2000, p.52) se encontra em uma conjuntura histórica em que desvela o ser dos entes ao seu redor enquanto fundo de reserva e isto acaba recaindo no esquecimento do ser, porque neste desvelar desafiador promovido pela técnica moderna se encobrem várias outras possibilidades de desvelar o ser. A técnica é o destino do ser humano atual e nesta época a natureza acaba sendo desvelada enquanto disponibilidade. Isto ocorre porque o homem se entrega à essência da técnica moderna: a *Gestell*. Ele nesta conjuntura se afasta do seu papel de pastor do ser e abraça este destino. Assim se outorga o papel de dominador do ente e se torna aquele que desafia a natureza e promove uma destruição incessante e violenta da mesma, movido por uma vontade insaciável.

Diante do cenário devastador da era da técnica que descrevi podemos nos perguntar enquanto educadores: o ser humano não poderia ser mais que um mero dominador da natureza que se embrenha em maquinações e cálculos infundáveis que levarão à destruição da fauna e flora do nosso planeta? Conclamo aqui o ser humano para assumir sua “vocação ontológica e histórica de Ser Mais” (Freire, 1994, p.29). O ser humano, enquanto aquele que é inacabado e está sempre por se fazer, pode ser mais que este que este que veste o capuz de dominador da natureza na atual conjuntura histórico ontológica. Diante das reflexões aqui trazidas, podemos afirmar que o ser humano pode superar a atual conjuntura assumindo a liberdade de dizer “sim” e “não” para a essência da técnica moderna através de uma postura serena e meditativa. Pode simplesmente deixar que as coisas sejam e não precisa desafiar incessantemente o mundo ao seu redor. O ser humano pode sair deste papel assumindo sua vocação de ser aquele que recolhe o ente e deixa o ser simplesmente ser.

Uma educação ambiental de base heideggeriana serviria para que o aluno abrace o seu papel de pastor do ser e não de dominador dos entes. A saída seria “demorarmos-nos (*verweilen*) junto do que está perto e meditarmos sobre o que está mais próximo” (Heidegger, 2000, p.14). Deveríamos deixar o ser em repouso, sendo aquilo que ele é. Cito o pensador novamente: “Devemos voltar-nos para o ente, pensá-lo em si mesmo, no seu ser, mas, ao mesmo tempo, deixá-lo repousar em si mesmo, na sua essência” (Heidegger, 2007, p.23). A saída diante do mundo técnico seria despertar esta

serenidade nos alunos para o mundo ao seu redor para que as coisas não sejam vistas apenas do ponto de vista da técnica moderna. Isto permitiria um novo enraizamento com a terra e permitiria o ser humano habitar este planeta de uma maneira distinta da predatória.

As reflexões heideggerianas sobre o estado de coisas do mundo na era da técnica pode formar seres humanos que convivam mais livremente com a técnica moderna e não sejam meros vassalos da mesma. Digo “mais livres” no sentido heideggeriano de dizer “sim” e “não” para a técnica, uma vez que a questão aqui não é se desfazer da técnica moderna, mas problematizar a nossa relação com a essência da mesma. O florescimento de uma educação ambiental heideggeriana pode formar seres humanos que correspondam de uma outra maneira com a essência da técnica. Aquilo de que não precisamos no atual cenário de devastação ambiental é de seres humanos que vivam numa relação unidimensional com a técnica moderna e que vejam o pensamento calculador enquanto única via possível.

Adorno (2020) diz que o papel da educação é impedir a barbárie e agora no atual contexto em que povos e florestas são dizimados creio que devemos evitar a barbárie ambiental na qual estamos imersos. Trago um relato do pensador indígena Kopenawa sobre a barbárie ambiental que nos assombra:

Os fazendeiros têm muito homens para desmatar a floresta. Derrubam as árvores e põem fogo na vegetação em grandes extensões. Tudo isso para não cultivar nenhum alimento nem mandioca nem bananeiras. Só semeiam capim para o gado. Os garimpeiros remexem os rios como porcos selvagens. As águas ficam sujas amareladas cheias de fumaça de epidemia dos motores. Não se pode mais beber água sem adoecer. Todos os peixes e jacarés morrem. Mas esses brancos repetem: “Vamos abrir estradas desmatar a floresta, procurar ouro, trazer o desenvolvimento!”. Se continuarem a destruir a floresta dessa maneira, nada mais vai sobrar. Então, mais tarde vão se queixar de fome e de sede, como já fazem alguns deles. (Kopenawa, 2023, p.60).

Uma educação ambiental com bases heideggerianas visaria lidar com a atual barbárie ambiental, descrita no trecho anterior por Kopenawa, formando alunos conscientes de que são um ser-no-mundo e que estes podem se relacionar com o ser dos entes ao seu redor de diversas formas

. Esta educação visaria expor ao alunato que o desvelamento desafiador não é a única maneira de desvelar o ser. Esta educação visa questionar a visão tecnificadora do mundo e afirmar que há outras vias além do pensamento calculador e do desvelamento desafiador que colocam o ser humano enquanto um senhor que desafia a natureza enquanto um mero fundo de reserva. Uma educação ambiental heideggeriana diria: há outras formas de ser fora da armação (*Gestell*), essência da técnica moderna que nos circunda. O pensamento meditativo proposto por Heidegger traria essa outra via

fora da atual via tecnicizada que nos circunda, este traz a possibilidade de um outro pensar, permitindo ao ser humano se desvencilhar um pouco do pensamento dominante, o pensamento calculador, que prega uma visão do mundo como um grande depósito de coisas a serem calculadas, armazenadas e usufruídas. Heidegger ergue aqui os versos do poeta Hölderlin para pensar esta senda da salvação: “Mas onde há perigo, cresce também o que salva” (Hölderlin, 2020, p.61). Heidegger vai escavando neste mundo tecnicizado uma vereda serena pela qual o ser humano pode vislumbrar outro caminho. Neste outro caminho o ser humano abraçaria o mistério do ser: “Como tal o ser permanece misteriosamente como a singela proximidade de um imperador que não se impõe à força” (Heidegger, 2010, p.37). O pensamento meditativo e seu aguardar sereno serviriam para aproximar o ser humano deste mistério do ser. Ser este que vai além da mera disponibilidade ditada pela essência da técnica moderna.

Pensar a essência da técnica moderna é já se colocar nesta vereda e vislumbrar aos poucos que o ser humano pode adentrar em uma relação livre com a técnica. Pensar uma educação ambiental com base em Heidegger é se colocar numa via serena de se demorar junto com os entes ao nosso redor e não meramente explora-los num ciclo devastador infundável que coloca a flora e a fauna enquanto meros fundos de reserva.

5. Conclusão

O objetivo principal deste trabalho foi construir uma educação ambiental com base no pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger. Uma educação que consiste em formar pastores do ser e não dominadores do ente. Uma educação que consiste em conclamar o aluno para a “disposição de “deixar-ser” os outros seres, a renúncia ao desejo voraz de tudo controlar e possuir” (Unger, 2009, p.162).

Fiz isto porque acredito que as palavras do pensador da cabana podem nos ajudar a compreender a barbárie ambiental que existe em nosso tempo e nesta compreensão do nosso tempo, a era a técnica descrita pelo pensador, podemos vislumbrar uma senda serena em meio ao perigo do ciclo devastador promovido pela técnica moderna. O professor, diante do cenário de devastação da fauna e da flora, pode com base nas reflexões de Martin Heidegger, mostrar que uma outra via do pensar é possível fora da via do pensamento calculador, que promove a barbárie ambiental. É possível mostrar para o aluno a via do pensamento meditativo, que promove uma postura serena de se demorar junto aos entes e não um desvelar desafiador que coloca a natureza como mero fundo de reserva para uma exploração infundável.

Não faço isso achando que tenho um receituário pronto para salvar o planeta, cito Junot Cornélio Matos (2023, p.14): “Afaga nosso coração a certeza de que jamais tivemos a pretensão de “melhorar” ninguém, de cantar em versos e prosas a última verdadeira novidade, de oferecer o receituário para o uso em suas atividades, garantindo efetivo êxito”. E tampouco faço isso no papel de professor que acha que a educação, no caso deste trabalho a educação ambiental, irá salvar o mundo. Adoto aqui a posição freireana:

O que quero dizer é que a educação nem é uma força imbatível a serviço da transformação da sociedade, porque assim eu queira, nem tampouco é a perpetuação do *status quo*, porque o dominante o decreta. O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar (Freire, 2022, p.110).

A tentativa aqui foi de arar o solo para germinar a semente de uma educação ambiental com base nas ideias deste filósofo alemão. O fiz porque acho que é importante formarmos pessoas conscientes da problemática ambiental. O que ocorre nos últimos tempos é uma barbárie ambiental que vem condenando a flora, a fauna e milhares de seres humanos, principalmente os povos nativos que sempre aqui habitaram. A educação ambiental que apresento aqui visa semear a ideia de um outro modo de vida distinto do atual predatório e pautado pelo pensamento calculador e pelo desvelar desafiador. Esta educação visa criar mais pastores do ser e menos dominadores da terra. O fruto que se pretende colher aqui é a formação de um aluno consciente de que a natureza não é um mero “fundo de reserva”, mas um lugar no qual ele pode se demorar para além do desafiar incessante promovido pela Gestell, essência da técnica moderna que nos circunda.

Referências

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. São Paulo: Zahar, 1985.
- ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz E Terra, 2020.
- ALMEIDA, Julio Cesar Touguinha de; KAUTZMANN, Rubens Müller.. A filosofia da natureza e educação ambiental: uma reflexão crítica na busca de uma direção ética. **Educação Ciência e Cultura**, v. 16, n. 1, p. 43–56, 29 set. 2011.
- ALVES, P. R. de C. Contribuições de Heidegger para a via do pensamento meditativo | Heidegger's contribution to meditative thought. **Reflexão**, [S. l.], v. 43, n. 1, p. 125–135, 2018.
- BACON, Francis. **Novum Organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza**. Tradução de José Aluysio Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 1-231. (Os Pensadores). Disponível em: << www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000047.pdf>>.
- Acesso em: 7 de fev. de 2025
- BRANCO, R. A. C. Da ausência de indigência à serenidade em Heidegger. **PERI**, v. 11, n. 1, p. 196–214, 2019.

BOFF, Leonardo. Cuidar da Terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo. Rio de Janeiro: Record, 2010.

BRASIL. **Lei nº 9.795**, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política da Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.lei.adv.br/9795-99.htm>>. Acesso em: 27out 2024.

CAMPELLO, Felipe; GITTEL, Benjamin. Polissemia e normatividade da modernidade. In: CAMPELLO, Felipe; GITTEL, Benjamin (Orgs.). **Modernizações ambivalentes: perspectivas interdisciplinares e transnacionais**. Recife: Editora UFPE, 2016. p. [p.9 – 30].

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. 22ª ed. São Paulo: Cutrix, 1982.

CASANOVA, Marco Antonio dos Santos. O homem entediado: niilismo e técnica no pensamento de Martin Heidegger. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2012.

COIMBRA, Leidiane. Técnica Moderna como modo de Desvelamento de Ser. In: CARVALHO, Marcelo; LYRA, Edgar (Orgs.). **Heidegger - Coleção XVI Encontro ANPOF**. São Paulo: Anpof, 2015. p. 218-227.

CRESPO, L. F. “A CIÊNCIA NÃO PENSA”. **Eleutheria - Revista do Curso de Filosofia da UFMS**, v. 2, n. 2, p. 46 - 63, 20 ago. 2017.

DE BARROS, Gabriel de Almeida. O pensamento de Heidegger como abertura para uma ecofenomenologia. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 148–171, 2022.

DENKER, Alfred. “Serenidade”, o discurso festivo de Martin Heidegger: a questão da essência da técnica e do pensamento humano. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 127-146, out. 2020.

DUARTE, I. B. Heidegger e a técnica. **From the Selected Works of Andre de Macedo Duarte**, 2009.

FERREIRA JR, W. J. Heidegger leitor de Nietzsche: a metafísica da vontade de potência como consumação da metafísica ocidental. **Trans/Form/Ação**, v. 36, n. 1, p. 101–116, abr. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 74 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2000.

_____. **Teoria da ação comunicativa - Vol.1**. São Paulo: Unesp, 2022a.

_____. **Teoria da ação comunicativa - Vol.2**. São Paulo: Unesp, 2022b.

HEGEL, Friedrich. **Filosofia do direito**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **A Origem da Obra de Arte**. Coimbra: Edições 70, 2007a.

_____. A questão da técnica. **Scientiae Studia**, v. 5, n. 3, p. 375–398, jul. 2007b.

_____. **Carta sobre o humanismo**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro Editora, 2010.

_____. “**Já só um deus nos pode ainda salvar**”. Entrevista concedida por Martin Heidegger à revista alemã Der Spiegel publicada no número 23, de 1976. Tradução e notas de Irene Borges-Duarte. Covilhã: LusoSofia:press, 2009.

_____. **Serenidade**. Tradução de Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Insituto Piaget, 2000.

_____. **A época das imagens de mundo**. Tradução de Claudia Drucker. 2007c.

HÖLDERLIN, F. **Friedrich Hölderlin – Poemas**. 2020. Disponível em:

<https://docs.google.com/document/d/1zyXnmzsLhHKmuMalwzQS1XqxASgJJ5pTk_DffeYsYbU/edit>. Acesso em: 8 jun. 2024.

INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger**. Tradução de Luisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

KANT, Immanuel. O que é o esclarecimento? In: _____. Textos Seletos. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 2. Ed. Petropolis: Vozes, 1985. p.100 - 116.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. Tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015

_____. **O espírito da floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

LYRA, Edgar. Heidegger e a Sustentabilidade. **Ekstasis Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, v. 1, n. 2, 11 dez. 2012.

MATOS, Junot Cornélio. **Filosofias do ensinar e aprender a filosofar**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2023.

MOREIRA, Gilvanio. Da Gestell à ecologia profunda: ressonâncias do pensamento de Martin Heidegger no cenário ecofilosófico contemporâneo. **Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 31–46, 2024.

FRIEDRICH, Nietzsche. **A genealogia da moral**. Petrópolis: Vozes, 2017.

NUNES, Benedito. História e ontologia (da essência da técnica). **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2012.

PARMÊNIDES. **Da natureza**. Tradução: José Trindade Santos. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

PELLI JUNIOR, R. O deus que ainda pode nos salvar. **ANALÓGOS**, v. 17, n. 1, 2017.

FERNANDO, Pessoa. **Poemas Completos de Alberto Caeiro**. 2016. Disponível em: <<
<https://bibliotecadigital.agrcanelas.edu.pt/index.php?page=3&id=4>>> Acesso em: 3 fev. 2025.

RODRIGUES, R. G.; DALBOSCO, C. A.; DORO, M. J. A serenidade como traço determinante da formação na era da técnica. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 19, n. 50, p. e11842, 2023.

SARAMAGO, L. Sobre a serenidade em Heidegger: uma reflexão sobre os caminhos do pensamento. **APRENDER - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, [S. l.], v. 1, n. 10, 2018.

SIQUEIRA, Ana Carla de Abreu. A distinção entre pensamento calculador e pensamento meditativo na filosofia tardia de Martin Heidegger. **Perspectiva Filosófica**, [S.l.], v. 48, n. 2, p. 133-150, nov. 2021.

TRATADO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS E RESPONSABILIDADE GLOBAL, 1992. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/tratado.pdf>. Acesso em: 27 out. 2024

UNGER, Nancy Mangabeira. Salvar é “deixar-ser” in: In: Izabel Cristina de Moura, Mauro Grün e Rachel Trajber. (Org.). **Pensar o ambiente: bases filosóficas para a educação ambiental**. Brasília: Ministério da Educação, Sec. de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, v. , p.15.